

## AS INCELÊNCIAS E OS RITUAIS FÚNEBRES NO PIAUÍ<sup>1</sup>

Uma incelência de Deus  
A virgem da Conceição  
A Deus irmãos das almas  
Que as almas são meus irmãos [...] <sup>2</sup>  
(Cipriano, 2001)

Pensar as tradições, modos de vida constituem o campo de pesquisa do grupo Ensino, Memória e Patrimônio Cultural orientado pela professora Áurea da Paz Pinheiro. Grupo e interesse do qual esta pesquisa faz parte, buscando a espiritualidade e as sensibilidades presentes no ritual fúnebre das incelências. Proposta que corrobora com nossa iniciativa de estudar manifestações culturais profundamente ligadas a construção da(s) identidade(s) brasileira, nordestina e particularmente piauiense.

Apresento aqui parte das considerações sobre o tema. A proposta de investigação centra-se em narrar uma história de fé e devoção de pessoas que participam ou participaram desse ritual e que o significam como necessário dentro de suas vivências religiosas.

No sertão nordestino, percebemos que há permanências de rezas, benditos e incelências para celebrar e acompanhar a passagem dos vivos para o mundo dos mortos. Práticas sociais que remontam às tradições de um ocidente medieval, como evidencia Michel Lauwers (2002, p.244) “[...] este ocidente costumava evocar e comemorar os defuntos, essa prática constituía uma forma de reprodução social, o morto e a morte propunham dimensões sociais que ligavam a determinados grupos sociais”, percebemos essas relações com os mortos através dos rituais populares, praticados de acordo com as devoções individuais como no caso das Incelências, assim como percebemos manifestações por meios de grupos sociais religiosos como no caso das Irmandades tão presentes no Brasil Imperial e que marcam as vivências religiosas

---

<sup>1</sup> A Revisão de Literatura está contida dentro do texto de conclusão da pesquisa.

<sup>2</sup> Lamento cantado por senhoras que acompanham o velório de Cipriano, essa incelências geralmente compõe o numero de 9 a 12 repetições, para mais ver: MACHADO, Douglas. Cipriano. Ficção. Teresina: Trinca filmes, 2001

piauienses designando papéis e funções na busca por unir os seus participantes em uma teia de solidariedade e espiritualidade no decorrer da vida.

Nesses pátrios sertões do Piauí, como evidência Fonseca Neto (2009), percebemos a existência de manifestações culturais materializadas em rituais como as “[...] peregrinações, estandartes nos terreiros de tambor, cantorias e lamentações feitas por devotos que entoam as incelências a partir de um latim matuto que cultiva a lágrima e irriga a dor”.

O objeto desta pesquisa é compreender o sentimento religioso do homem piauiense, cotidianamente permeado por procissões, terços e novenas, marca de uma religiosidade popular onde a emoção está presente constantemente<sup>3</sup>. Assim busco nos rituais fúnebres presentes no Piauí as atitudes diante dos vivos e dos mortos, os símbolos, os sentidos e os significados dessa prática particularmente evidenciada no ritual praticado pelas carpideiras ou como também são conhecidas por cantadeiras de excelências, mulheres que no *carpir*<sup>4</sup> demonstram uma devoção popular marcada pela emoção e particularidade de cada lamento.

Com avalia Gilberto Freire<sup>5</sup>, o morto ainda é, de certo modo, homem social, assim cabe aos vivos cuidar dos seus mortos, são dadas então as mulheres o papel do *carpir*, o papel de preparar, lavar e velar os defuntos. O canto entoado pelas mulheres segue ao numero de nove a doze repetições, essas excelências vão tomando seqüência no passar das horas do velório e são adaptadas a chegada e a saída do corpo.

Essas canções evidenciam que a alma se vai, mas o corpo fica segundo George Duby (1987) o corpo continua representando seu papel, sua presença embora muda continua a falar “a seus olhos o corpo oferecia a imagem do que eles mesmo um dia seriam inexoravelmente, um espelho” . Toda a preocupação em cuidar do morto, reflete a reafirmação da fé das carpideiras e dos indivíduos no pos-morte, assegurado pelas canções e principalmente pela teia de solidariedade e de amizade que envolve o corpo.

---

<sup>3</sup> Mott, evidência que a vivência religiosa portuguesa na colônia foi marcada por muita emoção, sentimento que permeia as expressões religiosas populares no Brasil. Ver: Luiz mott MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: MELO E SOUSA, Laura. História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na America portuguesa. São Paulo: Cia das letras, 1997.

<sup>4</sup> verbo *carpir* do latim *carpere* que significa lamentar, extravasar a dor arrancando os cabelos.

<sup>5</sup> Freire, Gilberto apud Palhares-burke. Maria Lucia. Burke, Peter. Repensando os Trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freire. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

Diversas são as imagens construídas ao longo do tempo, dessas mulheres, vistas por alguns como profissionais sem sentimento, pagas para rezar em favor e memória dos defuntos. Na condição de historiadora, busco pensar e compreender a vida cotidiana, as várias histórias marcadas por experiências muitas vezes tão distantes no tempo e tão próximas em atitudes que permanecem tão recorrentes no dia-a-dia de populações que absorveram pela vivência, pelo rito, pela tradição oral, as atitudes dos ancestrais.

Para Michel Certeau cada época constrói representações sobre o passado e suas imagens de sonhos e de dor. Algumas carpideiras assumem a profissão de chorar nos velórios e enterros, outras, mesmo praticando o ritual, por prazer e tradição, não querem ser identificadas com ofício.

Neste trabalho, busco realizar uma pesquisa de natureza histórico-etnográfica que tem como sujeito as cantadeiras de excelências<sup>6</sup> do interior do Piauí, que entoam um latim matuto, um português cantado arrastado presentes na contemporaneidade. Essa perspectiva possibilita um estudo que se aproxime dos sentidos, das pessoas e da espiritualidade desse homem piauiense.

A etnografia possibilita ao historiador ver, ouvir, anotar e sentir o ritual, neste caso, as incelências ainda permanecem no imaginário e na prática dos indivíduos, possibilitando assim uma pesquisa rica em fontes e em emoções. As entrevistas permite analisar o olhar dos indivíduos devotos, crentes e praticantes do ritual, nelas busco elementos religiosos e o saber cultural dessa prática. Informações que se aliam a perspectiva dos folcloristas, por vezes depreciativa do rito mais rica em descrições.

A proposta de descrever da Antropologia se aliam a dos historiadores de compreender o ritual, descrição que não busca evidenciar uma única forma de realizar a prática, mas de conhecer e perceber sua função na construção do sentimento religioso presente no Piauí.

---

<sup>6</sup> Denominação que também se referem às carpideiras, mulheres que cantam as Incelências para acompanhar os mortos